

ESPAÇO DA INFÂNCIA NA CULTURA CHIQUITANO

CHILDREN'S SPACE IN CHIQUITANO CULTURE

Saturnina Urupe Chue

saturnina-urupe1@hotmail.com

Resumo: *O foco da pesquisa foram as brincadeiras de criança com coleta de dados, a partir do relato dos anciões, adultos, jovens e por fim, das crianças Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho. O presente trabalho teve como objetivo discutir a relação espaço/infância, mostrando as transformações sofridas na comunidade em razão da condição atual de redução da área indígena. Ao analisar os relatos percebemos as modificações que vem ocorrendo na vida da atual geração, principalmente, na vida das crianças no que diz respeito ao uso do espaço geográfico como parte constitutiva e significativa no cotidiano para sua formação pessoal e intelectual. Notamos a ausência de liberdade para usufruir deste espaço de forma sustentável, consciente e respeitável, considerando seu valor na vida na nossa aldeia. Assim, consideramos que a resistência é fruto da luta árdua do povo originário desta terra que nunca se cansam de sonhar e lutar por dias melhores.*

Palavras-chave: *Povo Chiquitano, Cultura, Infância, Escola Indígena.*

Abstract: *The focus of the research was the children's games with data collection, from the story of the elders, the adults, the youngsters and, finally, the Chiquitano children themselves from the Vila Nova Barbecho. The present work had as objective to discuss the space / childhood relationship, showing the transformations suffered in the community due to the current condition of reduction of the indigenous area. In analyzing the reports, I was able to perceive the changes that have been occurring in the life of the present generation, especially in the children's lives, regarding the use of geographic space as a constitutive and significant part of daily life for their personal and intellectual formation. We focus, therefore, the absence of freedom to enjoy this space in a sustainable, conscious, and respectable way, considering its value in the life of the people of our village. Thus, we also see the resistance and an arduous struggle of the original people of this land who never tire of dreaming for better days.*

Keywords: *Chiquitano People, Culture, Childhood, Indigenous School.*

Introdução

Este trabalho teve como objetivo descrever a infância das crianças Chiquitano estabelecendo um paralelo entre presente e passado, destacando as brincadeiras e atividades realizadas. Ao realizar as atividades foram surgindo questões sobre como é a infância das crianças Chiquitano? Quais as brincadeiras e atividades que elas praticam? Quais são e como elas utilizam o espaço da aldeia? Qual o papel da escola na aldeia? Com base nessas perguntas procuramos estabelecer relações entre o hoje e como era antigamente, o que mudou e por que mudou, buscando compreender o conceito de infância e do brincar, para o povo Chiquitano. Discutimos as mudanças ocorridas na infância das crianças Chiquitano na Aldeia Vila Nova Barbecho e também identificamos o papel da escola local no desenvolvimento das atividades e brincadeiras das crianças na aldeia e a contribuição da mesma na vida das crianças.

Este método de pesquisa se fundamentou em Freire (1999) que trata o universo escolar como um espaço onde a investigação deve promover, além do acesso ao conhecimento e reflexão, a possibilidade de ações transformadoras. Neste sentido, nosso trabalho se estruturou com base no registro dos depoimentos dos anciões sobre as brincadeiras que eram realizadas antigamente e de como cada uma delas estava conectada com o cotidiano vivenciado na aldeia.

Isso pode ser observado também no trabalho de Altmann (1999) que afirma ser a criança indígena seu próprio brinquedo. A exploração do seu corpo e do corpo materno tornaram-se interessantes brincadeiras. A observação da natureza e a utilização de folhas, troncos e sementes, acabam transformando-se em objetos-brinquedos dando asas à imaginação infantil. Folhas e cascas de árvores servem como fôrma para os objetos de barro, utilizados durante as brincadeiras.

Atualmente as crianças da aldeia Vila Nova Barbecho vivem uma infância "normal" enquanto criança Chiquitano. Estudam, brincam, participam das reuniões, das cerimônias tradicionais e

acompanham os pais nos afazeres do dia a dia em casa, porém algumas práticas da cultura foram ficando de lado na medida em que o espaço geográfico da aldeia foi sendo reduzido, ficando assim, restrito somente ao centro da aldeia, aos quintais das casas de famílias, à escola e ao córrego para realizarem suas formas de diversão e brincadeiras que ainda acontecem nos dias de hoje.

As formas do brincar de hoje têm mudado muito em relação às brincadeiras realizadas antigamente. A brincadeira mais frequente que existe hoje entre as crianças é o jogo de futebol, onde ocupam o campo no centro da aldeia, até mesmo nos quintais das casas de família. Além do futebol, as crianças também brincam de pega-pega, esconde-esconde e de casinha. Outro hábito frequente também é o de andar de bicicleta, nos espaços como campo de futebol e de uma casa a outra, assim como no córrego quando algum adulto da aldeia os leva, ou quando a escola propicia esses momentos de lazer no córrego. Os pais procuram sempre relatar oralmente aos filhos quais brincadeiras se realizavam antigamente e o que faziam nas suas infâncias enquanto crianças.

De acordo com Carneiro (2010) a atividade lúdica para ser aprendida necessita de parceiros, pais, amigos, irmãos, professores. E esta tem sido a grande dificuldade nos dias de hoje. Por um lado, temos a falta de disponibilidade de tempo dos pais e das gerações mais velhas de estarem com seus filhos, provocando o desconhecimento de repertórios de brincadeiras. Por outro a questão das novas brincadeiras que contam com objetos diferenciados que estão substituindo a capacidade criativa para produzir os próprios brinquedos a partir dos objetos que os cercam.

Entendendo que o brincar consiste num processo de imitação e apropriação dos saberes, Dodge (2007) reforça a importância da presença do outro nas brincadeiras pois os pequenos só podem aprender com seus pares, sejam eles adultos ou crianças.

Pautada em relações e interações humanas para a construção de percepções e leituras de mundo a brincadeira se torna fundamental na preservação da cultura e mesmo da vida dos povos Chiquitano. Assim o presente trabalho justifica-se em função das muitas mudanças ocorridas na dinâmica familiar no contexto da tradição cultural Chiquitano. Nesse sentido, cabe discutir, compreender e problematizar as consequências dessas mudanças em termos da estrutura sociocultural Chiquitano, também a repercussão que isso ocasiona na saúde, física e psicológica das crianças, tendo como recorte a Aldeia Vila Nova Barbecho, focada na infância dos pequenos Chiquitano.

O que me instigou a desenvolver este trabalho foram justamente essas mudanças que vêm ocorrendo na dinâmica familiar, principalmente, no que diz respeito à qualidade de vida das crianças na aldeia. Os relatos de anciões deixam claro a diferença nas formas de como eles viveram suas épocas de infância, como brincavam antes e como se preocupam com as brincadeiras e a vivência das crianças hoje. Atualmente há falta de liberdade e acesso aos lugares de lazer e lugares sagrados, não por serem proibidas pelos pais, mas pelo cuidado que é tomado em relação às disputas por terra e às ameaças constantes de fazendeiros, de forma que as crianças já crescem sabendo desse cuidado.

Participaram das entrevistas os senhores Nicolau Urupê, Clemência Muquissai Soares, Helena Laura Chue, Fernandes Moquissai Soares e Elizabete Tossue Soares (anciões da aldeia), Cleide Muquissai Chue, Edmundo Nicolau Chue Muquissai, (jovens) e um grupo de crianças da escola. Todas estas pessoas de diferentes idades garantiram que eu pudesse fazer as comparações entre a vivência da infância, as brincadeiras no passado e a do presente em relação ao uso do espaço geográfico da aldeia como fator importante na formação cultural das crianças Chiquitano.

Também foram entrevistados Mauro Urupe Chue, Suzilene Urupe Chue que são os profissionais de Educação da escola na aldeia. As entrevistas foram realizadas a partir de um pequeno roteiro de perguntas, solicitei que fizessem os relatos oralmente, alguns entrevistados pediram que eu deixasse o questionário para que pudessem responder por escrito. Não foi autorizada a gravação, por parte de alguns entrevistados e nem a divulgação dos áudios dos entrevistados que autorizaram, então, registrei por escrito, no caderno, os relatos que foram feitos oralmente um por um registrando os detalhes. Também foi feito registro fotográfico no acompanhamento das atividades escolares e do cotidiano das crianças da aldeia.

Assim será apresentado neste trabalho alguns dos relatos, e também algumas fotografias da observação das brincadeiras das crianças no cotidiano da aldeia, também do trabalho da escola na revitalização das brincadeiras tradicionais. Utilizei também como fonte de pesquisa, pesquisas

bibliográficas que falam sobre concepção de infância.

Estes dados estão organizados em quatro partes sendo que na primeira é tratada alguns aspectos mais gerais do povo Chiquitano, da aldeia Vila Nova Barbecho, bem como, suas principais práticas culturais. A segunda parte trata de discutir e apresentar as concepções de infância para o povo Chiquitano, assim como apresentar o relatado pelos anciões. Na terceira parte são apresentadas as brincadeiras infantis enquanto manifestação etno cultural do povo Chiquitano. E na quarta e última parte é tratado sobre o papel da escola frente a realidade vivida pelas crianças Chiquitano, em especial, àquelas da aldeia Vila Nova Barbecho, *lócus* da nossa pesquisa.

O povo Chiquitano

O povo Chiquitano, conforme, Costa (2006), foi formado por índios de vários grupos étnicos que, na época do colonialismo com as missões jesuítas, fugiam da escravidão e foram recolhidos aos locais conhecidos como Missões e, hoje, habitam as regiões de fronteira entre Brasil e Bolívia.

O povo Chiquitano ao longo do seu processo histórico, sofreram grandes violências por parte do colonizador, a começar pelo apagamento de grande parte de sua cultura, principalmente a língua materna Chiquitano, assim também, como as demais práticas culturais, fatores importantes que foram deixados de ser realizados para que assim pudessem sobreviver sem que algo pior acontecesse, mesmo assim puderam continuar vivos com as memórias para que hoje pudessem ensinar as atuais gerações. No Brasil, os Chiquitano habitam as regiões de Cáceres, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade.

Segundo Costa (2006), existem 31 comunidades Chiquitano no Brasil (pontos vermelhos com numeração no mapa acima), na fronteira com a Bolívia, estimam-se em 2,500 indivíduos divididos em várias regiões. Além dos Chiquitano que vivem em aldeias, há aqueles que moram nas periferias dos referidos municípios. Por motivos de fortes pressões e ameaças de políticos e fazendeiros dos referidos municípios, muitos indígenas que moram na aldeia e até mesmo nas periferias das cidades, não se assumem enquanto indígenas e pior ainda são condicionados a negar a sua identidade de Chiquitano. Mas a luta dos Chiquitanos que assumem sua identidade étnica, vem sendo árdua e insistente para que tenham seus direitos respeitados e garantidos conforme é assegurado na Constituição Federal de 1988.

Os Chiquitano que mesmo diante das pressões e ameaças que enfrentam, continuaram firme assumindo sua identidade residem nas aldeias Vila Nova Barbecho, Acorizal, Fazendinha, Paama Mastakama, Nossa Senhora Aparecida e *Nautikich Putsiorch*. Aldeias estas situadas nos municípios de Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade.

A Aldeia Vila Nova Barbecho

A Aldeia Vila Nova Barbecho está localizada a 110 Km da sede do Município de Porto Esperidião, Mato Grosso. Nela existe cerca de 20 famílias, somando um total de aproximadamente 100 pessoas. Os Chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho vivem hoje em processo de revitalização da língua materna Chiquitano, pois ela ficou adormecida por um longo período, porque foram obrigados a se calar e deixar de falar a própria língua para, assim, garantir a sobrevivência dos falantes. Foram também impedidos pelos colonizadores (fazendeiros, políticos e militares) de manifestar outras práticas tradicionais da cultura Chiquitano.

De acordo com a liminar de 2010 há 300 (trezentos) hectares de terra que seriam de uso comum entre as partes (indígenas e fazendeiro), mas os indígenas relatam que atualmente essa terra está sendo usufruída apenas pelo fazendeiro, já que a área já está toda desmatada, juntamente com o desmatamento foram destruídos pequizal, mangaval, inclusive as áreas próximas da nascente do córrego *Nopetarch*,¹ que banha a aldeia Vila Nova Barbecho. Além da nascente deste riacho, praticamente todas as minas d'água, que ficam perto da sede da fazenda, estão todas destruídas, assim como as demais minas existentes nesta Terra.

Conforme relatam os anciões da aldeia Vila Nova Barbecho, antigamente quando ainda podiam transitar livres na mata, o povo sobrevivia da caça, pesca, da coleta de frutos, também podiam fazer grandes roças tradicionais. Podiam ainda desfrutar dos recursos naturais para sustento

1 Nopetarch córrego das tartarugas, pois antigamente havia nesses córregos muitas tartarugas.

e sobrevivência de suas famílias, retirando as matérias primas para construção de casas, faziam artesanatos para uso e comercialização. Atualmente as famílias da aldeia Vila Nova Barbecho se sustentam basicamente com salários, trabalhando como funcionários da SESAI², na saúde indígena na aldeia e da SEDUC³ trabalhando na escola e alguns aposentados.

As pessoas que não tem emprego na própria aldeia, para sobreviver são obrigados a sair para trabalhar fora da aldeia, ou seja, trabalhar como empreiteiros ou diaristas em fazendas próximas, outros ainda, acabam migrando para as cidades em busca de emprego e sustento da sua família, e acabam indo morar nas periferias das cidades mais próximas das aldeias. Já as famílias da aldeia plantam roça na pequena área da qual tem acesso, porém, não é suficiente para a sustentabilidade do povo da aldeia, pois a terra está cansada de ser trabalhada. Dessa forma, o que mais se planta é milho e mandioca.

O artesanato seria uma opção de trabalho e economia para as famílias, pois sabemos fazer uma grande variedade. O que dificulta essa atividade é que as matérias primas próximas já acabaram ou estão sendo destruídas pelo desmatamento dos fazendeiros e onde ainda há matéria prima, os indígenas são impedidos pelo fazendeiro de extraí-la. Essa dificuldade de produzir os artesanatos, pelo difícil acesso à matéria prima, deixa uma preocupação e tristeza muito grande para os indígenas, principalmente, para os sábios anciões, que têm a missão de repassar esses conhecimentos para as crianças e jovens de geração para geração, pois é isso que mantem a cultura viva.

Principais Práticas Culturais

O povo Chiquitano tem como uma de suas principais práticas culturais a dança do *Curussé*⁴, uma festa que é realizada no período do carnaval. Ela, é tocada nos momentos de festas tradicionais e de muita alegria, e ocorre durante uma semana quando as pessoas dançam ao som da caixa, bombo e do pífano, que são tocados pelos anciões e jovens, estes acompanham para aprender. Não se dança em um único local, mas a dança perpassa todas as casas de família da aldeia. Cada família oferece a tavaurch⁵ bebida tradicional, em forma de demonstração de muito carinho com as pessoas que se encontram ali.

Esse carinho só é 'encarinhado' às pessoas de muita responsabilidade e que terá a obrigação de convidar aos demais durante a festa. Cabe a ele ainda no último copo da chicha 'encarinhado', devolver ao dono da casa em agradecimento por esse carinho. Nesta festa todos participam: mulheres, homens, jovens e inclusive as crianças e até os 'encantados da natureza', os espíritos que não vemos de corpo em massa. Assim durante a festa, ocorrem vários rituais.

Tem também a saída das bandeiras no terceiro dia do *Curussé*, são quatro bandeiras que são entregues pelo cacique da aldeia a quatro homens, os quais terão a responsabilidade de dançar com elas na primeira volta que perpassa as casas das famílias e cuidá-las, pois, as mesmas são consideradas sagradas para o povo Chiquitano, e sua função é espantar os espíritos maus do meio da festa, a fim de que ocorra tudo bem durante a festa.

Depois disso, outras pessoas poderão pegá-las para dançar com elas, mas, no final do dia, os quatro homens que as receberam no início terão que ter a responsabilidade de entregar elas de volta ao cacique. No último dia da festa realiza-se o ritual da surra, para que seja espantado o espírito mal ou coisa ruim do corpo da pessoa, também para educar, os filhos em forma de reconciliação por algum momento da festa, às vezes, ter saído fora das regras, também para saber e lembrar que os pais ainda estão vivos e que os filhos e mais novos devem respeito a eles. Esse ritual é realizado no último dia do *Curussé*, na casa sagrada onde se encerra a festa, onde já tem um local preparado, os jovens, as crianças e as pessoas mais novas deitam com as costas para cima, e os pais dão três *fiuladas*⁶ com uma corda que antigamente era trançada de couro de *nogórch*⁷, mas atualmente se usa corda normal comprada no mercado.

2 SESAI Secretaria Especial de Saúde Indígena

3 SEDUC Secretaria de Estado de Educação

4 Curussé nome da festa tradicional do povo Chiquitano.

5 Tavaurch nome atribuído a bebida tradicional do povo Chiquitano.

6 Fiuluada termo atribuído a batida, ou chibatada.

7 Nogorch palavra em Chiquitano nome do animal veado do mato.

Nestes dias, ninguém pode ficar sozinho na casa, ou seja, todos devem participar da festa, pois são dias considerados muito perigosos, porque todos os espíritos estão festejando também. É momento em que toda a natureza, as aves, os pássaros, os bichos enfim todos os animais estão em momento de festa. Quem fica em casa e não participa no grupo corre o risco de ser levado pelos encantados para morar com eles, caso eles não consigam leva-lo, a pessoa pode adoecer. O que não pode é ficar sem participar, uma vez que a festa é para todos.

Durante os dias do *Currussé*, a bebida principal é a chicha de mandioca e de milho, as famílias costumam acolher e alimentar as pessoas que vem de outras aldeias e se abrigam em suas casas. Já no terceiro dia, todos se reúnem no barracão da aldeia, cada família traz seu alimento preparado e fazem juntos o almoço comunitário.

Além da dança durante a festa tradicional, existem outras brincadeiras, com barro, água e tintas naturais, onde as mulheres sujam os homens e os homens sujam as mulheres.

Uma outra prática cultural que vem sendo revitalizada é o uso da língua. A língua Chiquitano é do tronco Macro- Jê, conforme relata Santana (2012) e, em geral, há poucos falantes da língua materna nas aldeias do lado brasileiro. Sabe-se, que os Chiquitano do lado boliviano denominado Chiquito são falantes da nossa língua ancestral, porque sofreram diferentes pressões, porém continuaram mantendo sua língua e outras práticas da cultura tradicional um pouco mais forte que no lado Brasileiro.

Concepção de infância para os Chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho.

Segundo a anciã senhora Clemência Muquissai Soares a infância é a fase da vida em que tudo se inicia, e é, principalmente, o momento em que se aprende através da observação e acompanhamento nas atividades do dia a dia na aldeia. A infância da criança Chiquitano não se resume em apenas brincar e estudar, mas sim em outros momentos importantes em sua formação como um Chiquitano. Além destes, existem outros fatores importantes na sua formação, que quase não se distingue separadamente, como na caça, pesca, atividades e rituais culturais, no trabalho na roça etc.

A criança Chiquitano, desde muito cedo, tanto a menina como o menino, já acompanham seus pais nos trabalhos, como preparação do terreno, no plantio e colheita da roça, participam em todas as atividades culturais e festas tradicionais, danças e outros, mesmo que seja somente para marcar presença, pois é através da observação e acompanhamento nas atividades que elas crescem e aprendem a fazer os mesmos. A criança Chiquitano tem um valor fundamental e importante na vida da aldeia, por isso, ela participa de tudo que é feito na aldeia e não há quase nada que se faz separando das crianças. Elas aprendem juntos para também saber sobreviver onde quer que for, sabendo utilizar esses conhecimentos tradicionais construídos ao longo de sua infância em sua vida de adulto.

Entre os Chiquitano a formação na infância da criança não é apenas responsabilidade dos pais, mas sim de todos na aldeia e não se faz separadamente e diferentemente para mulheres e homens. Todos aprendem a fazer todas as atividades e participam de todos rituais.

História da infância familiar do passado ao contexto atual: relatos

Buscar saber sobre como foi a infância dos atuais anciões é de fundamental importância para que nossos pequenos possam ter conhecimento sobre como foi o passado tradicional de um povo que vivia livre no acesso e uso da Terra, que fazia suas práticas Culturais, juntamente com os pais, na caça e pesca que aconteciam frequentemente. Depois com a chegada dos colonizadores, passa a ser negado, às atuais gerações, essas práticas, mudando completamente estes hábitos. Desse modo vale ressaltar que a importância de retomar tais práticas representa garantir o direito ao seu modo de vida. Somos um povo que luta para ter de volta aquilo que lhes foi tirado, “a liberdade” e esta luta não tem sido fácil. Assim segue relato de anciões que desabafam sobre este cerceamento da nossa cultura, buscando nas suas experiências de vida real, quando criança elementos que denotam a exclusão e a perda dos nossos direitos.

Antigamente tinha liberdade para transitar e usufruir da natureza para morar plantar roça, caçar, pescar, não tinha impedimentos e nem limite na caça era produtiva, enchia baquitê⁸ de carne assado, retirava mel, colhia frutos. O perigo de andar sozinho era só onça, mas a gente tomava cuidado com elas. Mas nada de medo de fazendeiro porque tudo era livre somente nosso. Com a chegada dos políticos que chegaram requerendo as Terras e tomando a Terra dos Chiquitano com papel falso e na época nós não tínhamos conhecimento acreditava na mentira deles. Quando já aguentavam andar a gente acompanhavam os pais, na caça, pesca e meleada⁹ (tirada de mel de abelha). Ia catar frutas, todo tipo de frutas, do cerrado, do mato, e sem medo de nada. No mato mesmo sentavam e comia as frutas, sem medo de aparecer fazendeiro, nenhum desses homens estranhos que agora andam no mato sondando a gente, não tinha gente de longe, somente os Chiquitano aqui. Quando nossos pais iam festejar em outra aldeia deixavam as crianças em casa sem medo de fazendeiro. Mas antes uns dias já caçavam, pescavam e coletavam frutos para deixar para eles. Os filhos ficavam todos juntos numa única casa e ninguém sofria nem passava necessidade. Só acompanhavam os pais nas festas os rapazes e as moças que já tinham seus companheiros, ou seja, já eram casados, mas quando a festa era na própria aldeia todas as crianças participavam, só não iam na festa onde era muito longe a aldeia e não aguentavam ir a pé, não tinha carro a viagem era tudo a pé a gente se reunia e ia todo mundo junto (Entrevista com a anciã senhora Clemência Muquissai Soares, 2016).

O relato acima apresenta a liberdade em usufruir os espaços e coletar os recursos naturais antes da chegada do colonizador, quando somente os Chiquitanos habitavam essas terras. Podiam andar na mata sem medo. Apenas tomavam cuidados com a onça, mas hoje essa onça se apresenta em forma de ser humano (o fazendeiro). Os pais não temiam em deixar seus filhos sozinhos em casa, apenas se preocupavam em deixar os alimentos para elas.

Quando eu era criança, não tinha pensamento de adulto, mas já acompanhava meus pais, ia crescendo e aprendendo a trabalhar sempre ouvindo a explicação deles, já cumprindo algum dever ia crescendo, entendendo e aprendendo. A criança não tinha separação tanto a menina e o menino já aprendia caçar e pescar, com os pais ou com outras pessoas da aldeia sempre na companhia para aprender porque a educação da criança Chiquitano não é responsabilidade somente da sua família, mas sim de todos da aldeia. Naquele tempo tudo era livre podia caçar pescar, não tinha fazendeiro que falava que era dono de toda essa Terra. A gente preocupava com outras coisas, mas nunca imaginava que as crianças de hoje não fossem ter o que a gente tinha antes. Brincava no córrego todos juntos, sem medo de nada. Um cuidava o outro, era muito bom (Entrevista com o ancião senhor Nicolau Urupe, 2016)

Percebe-se aqui que a educação tradicional da criança Chiquitano não é responsabilidade somente da família, mas, sim de todos da aldeia. Sendo que muitas praticas tradicional e cultural hoje não vem sendo realizado, por falta de ter a terra demarcada. Apresenta uma infância, mais tranquila do que dos tempos atuais. Onde um dos principais fatores para continuidade dessas

8 Baquitê artefato de palha do povo Chiquitano.

9 Meleada retirada de mel de abelha.

práticas é de fato a Terra.

Desde criança já tinha responsabilidade, brincava, cuidava dos irmãos mais novos ia na roça, olhava trilheiro de anta, quando já aguentava andar já saia na companhia dos pais em todos os lugares, na roça, na caça, na pesca, o espaço era livre para transitar nele, naquela época não tinha desmata era tudo mata virgem cerrado, campo mata, mas tudo era livre pra caçar andar coletar frutos e fazer casa tinha muitas madeira boa palha pra fazer nossos casas também tinha muitos animais, pois era mata virgem. Naquele tempo eu não imaginava que um dia fosse ser tudo destruído pois era só nós Chiquitano que morava nessa região. Só depois, bem depois que chegaram essas gentes estranhos fazendo o que vocês vêm hoje tudo desmatado. E não imaginava que nesta idade iria vivenciar estes acontecimentos (Entrevista com a senhora Helena Laura Chue, 2016)

Ao analisar estes relatos, pude perceber a aproximação das duas vivencias ainda no tempo em que o acesso era livre no uso do espaço. Tempos bons em que se aprendia tudo que fosse possível como uma criança Chiquitano. Percebe-se, também, a surpresa e preocupação em estar vivenciando agora já como ancião esta realidade lamentável, juntamente com as atuais crianças em suas infâncias.

Ser criança é uma fase boa da vida que a gente não somente brinca, mas aprende, tem curiosidade para tudo, fase de conhecimento e interesse em aprender, eu na minha infância, eu me lembro que brincava muito, mas também já saia com os pais na roça para cuidar, as vezes tocar passarinho ia até pescar com os pais. Na casa ajudava a mãe com algumas atividades leves. Na minha época tinha livre acesso, podia caçar, pescar, não tinha limite. Esses lugares não eram desmatados e nem estragado por gado. Eu lembro que eu só tinha medo de tucandira, onça já quase não tinha mais. Não tinha perigo por fazendeiro. Eu sempre imaginava que nossa aldeia ia crescer ia ter mais gente, mais família e que o acesso ao espaço sempre seria livre principalmente para catar mangava e pequi. Mas não imaginava que um dia fosse ser tudo desmatado. Mas aí não durou muito tempo o fazendeiro chegou e destruiu tudo os pesquisais e mangavas foi colocando cerca eu lembro disso (Entrevista com a anciã senhora Elizabete Tossuê Soares, 2016).

Já este quarto relato mostra como esse acesso foi se diminuindo aos poucos que, mesmo ao aproximar das anteriores, já presencia ainda jovem está triste situação. Mas percebe-se que mesmo sendo criança não deixa de ter as responsabilidades que fazem parte da infância da criança Chiquitano.

Nós temos medo de ir no córrego sozinho, só vamos quando vamos num grupo grande e na companhia dos adultos, quase não vamos com mamãe e papai pescar no córrego, nunca fomos catar frutas com eles quase nem conhecemos as frutas, sabemos que esta Terra é nosso, mas já vimos várias vezes o fazendeiro vim aqui na aldeia e mandar a gente ir embora, sempre fala que essa Terra é dele, mas sabemos que não é dele, temos medo que ele nos faça mal, pois ele é malvado já quis gritar várias vezes com os mais velhos, mas hoje os mais novos os que já estudam já tem conhecimento de leis e não deixam ele fazer mais isso, aí ele fica muito bravo, já presenciemos várias vezes isso, a gente denuncia, mas ainda

quase não fomos atendidos. Ainda mais agora a gente fica preso num único pedacinho de Terra cercado com arame, não podemos caminhar livremente. Só brincamos no centro da aldeia, pois nossos pais recomendam para tomar cuidado e não sair ficar andando sozinho nem na roça pois o fazendeiro pode fazer mal pra gente. Ele sempre anda rondando a aldeia a gente vê ele, não sabemos até quando isso vai durar, por isso reivindicamos a demarcação da nossa Terra o mais possível, mas os processos são lentos demais até agora nada (Entrevista com o ancião e Cacique da aldeia o senhor Fernandes Moquissai Soares, 2016).

Neste relato percebe-se como as crianças vivenciam e percebem estas pressões por parte dos fazendeiros, que na maioria das vezes impedem as mesmas de usufruir dos recursos da natureza que são essenciais para a formação tradicional da criança Chiquitano.

Brincadeiras realizadas antigamente a partir dos relatos feitos

Trataremos a seguir de apresentar as brincadeiras infantis enquanto manifestação étnica cultural do povo Chiquitano, a partir do relato dos consultores nativos entrevistados.

Antigamente nós fazia assim nas brincadeiras, quando nossos pais saiam para outras aldeias próximas, ou iam participar de alguma festa, a gente ficava em casa, eles sempre deixavam as tarefas para nós, como socar arroz, lavar vasilhas e fazer outros serviços leves. Então sempre a gente já mandava um dos irmãos ir até a casa das outras crianças para ver o que tinham de fazer como tarefa daí nós reunia todas as crianças que ficavam na casa, e se ajudava uns aos outros, só depois das tarefas realizadas a gente ia brincar, não brincava separado era tudo junto as meninas e os meninos até nos serviços (tarefas). Nós reunia e ia lá naquele buritizal do outro lado do córrego pegar broto de buriti e daí nós fazia corda da folha e da seda do buriti, pra puxar os carrinhos que fazíamos de pau, pegava o talo do buriti e fazia violão pra tocar na brincadeira que imitava a festa. Nós saía no mato coletar resina de mangava para fazer bola pra nós brincar. Saía coletar jenipapo pra brincar e comer, só nós não deixava as crianças mais pequenas comerem uma parte da fruta do jenipapo, pois faz mal se comer. A gente ia no córrego que naquele tempo ele era largo e tinha bastante água, nós ficava as vezes quase dia inteiro brincando no córrego. Perto da casa tinha também aqueles pés de cipoeiro do mato ali a gente brincava deixava até limpo embaixo dos cipós. Depois a gente reunia na casa do outro e chupava lima, laranja, e cana (Entrevista com o ancião senhor Nicolau Urupe, 2016).

Neste relato é possível perceber a organização das crianças para cumprirem os deveres que os pais lhes atribuíam. Isso era realizado de forma organizada e coletiva, ajudando uns aos outros, brincavam e se divertiam. Utilizavam os espaços da aldeia que não estava resumido somente ao centro da aldeia, mas sim nos espaços ao seu redor, bem como buritizais, córregos e a própria mata. Tudo era utilizado sem temerem a presença de estranhos (fazendeiros). A infância era vivida mais tranquilamente e de maneira saudável.

A seguir apresento as principais brincadeiras que eram realizadas pelas crianças chiquitano e que atualmente (2016) estão sendo retomada pelos professores com o auxílio dos anciões. Além de nomear as brincadeiras nos foi explicado como eram realizadas e quais os materiais eram necessários para executá-las. As brincadeiras estão estruturadas de acordo com o cotidiano, com as atividades que são realizadas pelos adultos e que são experimentadas pelas crianças.

Brincadeira 1 – Perguntas e adivinhações - perguntas e adivinhação, tudo relacionado à

natureza era uma forma de memorizar o nome das plantas, arvores, frutas e animais que existiam na região.

Brincadeira 02 – Coleta de frutas - *brincava também de coletar frutas, cada criança escolhia o nome de uma fruta sem que ninguém soubesse logo em seguida chegava o coletor de frutas para colher a fruta conforme fosse acertando o nome das frutas a criança ia saindo pois já havia sido coletado. Brincadeira essa que ajudava no raciocínio e na memorização e reconhecimento do nome das frutas. Também reforça os valores, honestidades, onde ninguém pode falar pra ninguém o nome da fruta que escolheu ser, mas também na medida que o coletor for acertando a pessoa tem que ser honesto em dizer que ele é essa fruta.*

Brincadeira 03 – Cavaloto - *confeccionavam o brinquedo cavaloto para andar, que era feito de dois pedaços de taquara. Fazia o pezinho e amarrava com embira ou cipó para apoiar o pé. Apostavam corrida com ele e até servia de transporte para ir durante à noite de uma casa na outra.*

Brincadeira 04 – Imitando o Curussé - *brincavam muito de festa do Curussé. Usavam um pedaço de taquara no lugar do pífano e utilizavam latas no lugar da caixa, e dançavam igual a como se dança na festa, todos misturados meninos e meninas.*

Ressalto que esta brincadeira ainda se realiza nos dias atuais.

Brincadeira 05 – Peteca - *a peteca: também era muito utilizado, na brincadeira, cujo matéria prima era palha de milho e pena de passarinho.*

Brincadeira 06 – Arranca cebola - *arranca cebola era outra brincadeira onde todas as crianças seguravam na cintura do outro em fila e um bem mais forte segurava em uma madeira outro mais forte vinha e arrancava a cebola sempre conseguia arrancar os mais fracos. O último sempre permanecia não era arrancado. Ajudava na estimulação da força da criança.*

Brincadeira 07– A ema - *Na brincadeira da ema todos se põem em roda e cada um escolhe o nome de uma árvore ou madeira para ser o seu braço. Escolham também uma criança que seria a ema que ficava no centro do círculo. Ela por sua vez ia de braço em braço perguntando que pau é esse? A pessoa dizia por exemplo, aroeira, pau ferro, angico, ou peroba e assim então a ema teria que sair do meio do círculo e para isso escolhia o lado que representava a madeira mais frágil que ela pudesse sair por ele. Ao conseguir sair todos saíam correndo atrás e quem conseguisse pegar ela seria a próxima ema. E assim sucessivamente. Objetivo reconhecer a resistência das madeiras.*

Conforme apresentado nos relatos das brincadeiras citados acima, percebe-se que elas eram realizadas conforme a realidade cultural e tradicional Chiquitano, valorizando sempre os recursos naturais a fim de dar continuidade a este conhecimento cultural para as futuras gerações.

Entretanto, com a redução do espaço da aldeia e as desmatas frequentes que vem ocorrendo em torno da aldeia, e a falta de liberdade para usufruir dos recursos naturais, as gerações atuais e futuras gerações correm grande risco de não conhecerem, principalmente, as árvores que são de suma importância para o povo.

Sobre o papel da escola na aldeia Vila Nova Barbecho

Tratamos neste capítulo de discutir o papel da escola frente a essa nova realidade das crianças Chiquitano, em especial, àquelas da aldeia Vila Nova Barbecho, *lócus* da nossa pesquisa. Na aldeia Vila Nova Barbecho está situada a Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio que tem fundamental importância para a comunidade, principalmente no que se refere ao resgate da sua língua materna e outros aspectos culturais. A escola oferta o Ensino Fundamental completo, a modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos, e recentemente passou a ofertar a modalidade do Ensino Médio. Esta unidade escolar atende atualmente 29 alunos e conta com um quadro de 07 profissionais da educação. Atualmente os professores ainda se encontram em formação de nível superior em graduação contando apenas com um professor com nível superior, todos Chiquitano

da mesma aldeia.

A escola que antigamente foi introduzida nas aldeias com objetivo de suprimir nossa identidade étnica e escolarizar os povos indígenas, a partir do modelo tradicional não indígena e, por assim dizer para dominá-los, passa a ocupar de fato seu lugar e fazer seu papel na aldeia, pois após muitas lutas dos povos indígenas, este direito vem sendo conquistado. Assim, hoje a escola vem sendo uma grande parceira em conjunto com os anciões e lideranças da aldeia na revitalização e fortalecimento da língua materna Chiquitano, bem como, de outras práticas culturais através da área de conhecimento das ciências e saberes indígenas.

Tal área do conhecimento inclui as disciplinas de Práticas Culturais e Sustentabilidade, Práticas Agroecológicas e Tecnologia Indígena. Existem ainda, as disciplinas de Arte, Cultura e Língua Materna que possibilitam que os conhecimentos tradicionais da cultura Chiquitano sejam trabalhados, conforme a nossa especificidade, fortalecendo, assim, cada vez mais, a revitalização e fortalecimento da identidade Chiquitano. Podemos dizer que esta prática da disciplina dos saberes indígenas já mostra resultados importantes, como o uso da língua materna por várias pessoas, principalmente, jovens e crianças, que antes só praticavam a língua portuguesa. Atualmente já falam e entendem palavras e frases da língua materna Chiquitano, porém, há muito a se aprender ainda.

Outro ponto de destaque é a confecção e uso de materiais artesanais da cultura tradicional, pois atualmente é comum vermos jovens e crianças usando cocar, pinturas e outros adereços da cultura tradicional Chiquitano, o que não ocorria comumente antes. Também ainda citamos como resultado do trabalho da escola a prática da dança tradicional do povo Chiquitano, que é o *Curussé*, que se dança ao som do toque da caixa e pífano, assim como a dança da cobrinha, *Chovenã* e outros. Temos também a Orquestra de violinos Chiquitano, cujo membros são todos Chiquitano desta aldeia. As músicas são barrocas, sacras e Chiquitano e são tocadas com caixas, bombo, violinos, violoncelo e violão. Os instrumentos se mesclam, o que fortalece a identidade Chiquitano.

A escola dentro da aldeia tem um papel fundamental na vida do povo, principalmente, no que diz respeito a luta do povo Chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho. Foi uma conquista que através dela, outras conquistas foram sendo alcançadas e muitas praticas culturais foram revitalizadas. Hoje seu papel fundamental é formar cidadãos não somente para o mercado de trabalho, mas sim sujeitos críticos, conhecedoras de seus direitos, reconhecedores de seus valores pertencentes a um grupo que foi e continua sendo amedrontado pelos colonizadores, mas que jamais deixarão de lutar pelos seus direitos, enquanto originários destas Terras, para que as futuras gerações não sofram o que as atuais gerações estão vivendo ainda em pleno século XXI, e que independente do lugar onde estiverem, nunca se esquecerem de sua essência, suas raízes, seus valores, culturais. Na pesquisa, um dos professores entrevistados relata o seguinte:

Na realidade hoje na aldeia a infância de nossas crianças é “simples e sadia”, elas brincam e vivem em harmonia com todas as crianças da aldeia, participam em conjunto com os adultos de atividades culturais, eles aprendem muito, construindo novos conhecimentos. A escola é uma grande parceira nos vários aspectos dentro da nossa comunidade indígena, no que diz respeito a garantia da infância a escola sempre busca esclarecer os direitos que as crianças tem de brincar e se divertir na natureza, sempre valorizando - a e respeitando - a. A escola busca ainda resgatar muitas brincadeiras tradicionais que hoje não se brinca e os mais adultos participam fortalecendo momentos de lazer e diversão cultural, onde os mais novos aprendem com os adultos, assim fortalecendo sempre a cultura (Entrevista com a professora Cleide Muquissai Chue, 2016).

Neste relato, percebe-se que a escola, mesmo diante dos desafios e lutas, se esforça para que as crianças Chiquitano tenham uma infância sadia e com liberdade, e acreditem que é através do conhecimento que elas saberão dos seus direitos, para poderem lutar pelos mesmo, e que a escola vem trabalhando na revitalização das práticas culturais e que a mesma oportuniza momentos como

este citado acima. No entanto, vale ressaltar que é através da escola que isto é possível com maior frequência. Sem sua contribuição isso seria mais difícil de ser realizado.

As mudanças no brincar

As brincadeiras das crianças Chiquitano, da Aldeia Vila Nova Barbecho, no que diz respeito ao uso do espaço geográfico Terra, têm sido transformadas ao longo dos tempos, pelo fato dos impactos culturais causados, pelos “estranhos” (fazendeiros). Hoje as crianças brincam, mas somente nos quintais das casas das famílias, percebendo - se a falta de contato mais próximo com a natureza pela falta de liberdade em usufruir do espaço para tais atividades. A escola, como uma instituição formadora de pessoas e construtora de conhecimentos, procura revitalizar e fortalecer este brincar, proporcionando, assim momentos de lazer com as crianças de forma mais segura acompanhando as crianças até o córrego, coleta de argila, palha, pois o brincar não se restringe em apenas brincar em um único lugar, mas está presente onde se reúnem várias crianças seja nadando, correndo, andando, até mesmo coletando frutas, o brincar está presente. Portanto, a escola não pode ficar alheia a estes tipos de atividades culturais.

Percebemos hoje a diferença ocorrida e o impacto que essas mudanças vêm causando na vida das crianças Chiquitano na aldeia Vila Nova Barbecho. Assim, esta preocupação só aumenta cada vez mais, pois esta situação vem se agravando a cada dia com mais frequência. Preocupação esta que está relacionada, não apenas com as brincadeiras, ou ausência delas, mas também à saúde física e psicológica, sobretudo em como utilizar ou até mesmo conhecer e se reconhecer no espaço que é seu, pois, são nativos originários dessa Terra, desde os antepassados, mas que ao mesmo tempo é privado, devido a invasão do colonizador (fazendeiros e políticos). Esse contato mais próximo com a natureza é de suma importância pois, além de manter e dar continuidade com as práticas culturais, deixa a criança mais saudável e resistente fisicamente.

O Território e sua relação com as práticas culturais

Por falta de ter a Terra demarcada, as famílias desta aldeia vivem em uma situação de extrema insegurança, pois vivem pressionadas e ameaçadas, sendo que a terra ainda se encontra em disputa judicial com grandes fazendeiros. Atualmente vivem em uma área de 25 hectares, considerada muito pequena em relação à quantidade de indígenas e famílias que vivem nela, e é insuficiente para o sustento dessas famílias. A área é cercada com arame liso, a qual foi delimitada pela justiça para uso exclusivo, da aldeia. De acordo com os indígenas da aldeia, estes são muito desrespeitados dentro da própria área de uso exclusivo. Um exemplo desse desrespeito é o fato de não poderem construir nada fora do centro da aldeia e aconteceu recentemente que um poço artesiano construído pela SESANI¹⁰ foi embargado pelo fazendeiro e o Juiz deu parecer favorável ao mesmo, parando assim uma obra tão importante para o povo.

Percebo que essa falta de liberdade no uso do espaço geográfico da aldeia, ou seja, um contato mais próximo com a natureza, para nossas crianças tem causado impacto negativo na formação cultural dos mesmos, também na saúde física e psicológica. Por decorrência disso poderá provocar profundas alterações no modo como os Chiquitano se relacionam com a natureza na medida em que esse distanciamento promove uma alteração na dinâmica familiar e no uso do espaço da aldeia, no uso da terra, por exemplo. Este fenômeno, por sua vez, tem feito com que o modo de vida das crianças da aldeia seja alterado. Por isso, a escola não pode ficar alheia a este problema social vivenciado por todos na aldeia nos últimos anos, justamente para que os pequenos Chiquitano não fiquem privados destes conhecimentos e de praticá-los.

Considerações Finais

Como dissemos anteriormente, o que percebemos após o término desta pesquisa e que retomamos agora foi a constatação de que de fato a situação do contato com o não índio invasor impactou nosso modo de vida profundamente. E hoje percebemos o que essas mudanças vêm causando na vida e na formação das crianças Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho. Assim, esta preocupação só aumenta cada vez mais, pois esta situação vem se agravando cada dia com mais

¹⁰ SESANI Serviço de Edificações e Saneamento Especial Indígena

frequência. Essa preocupação está relacionada não apenas com as brincadeiras, ou ausência delas, como dissemos anteriormente, mas, também com as consequências que isso poderá acarretar na saúde física e psicológica das crianças e, sobretudo no que se refere a como utilizar ou até mesmo conhecer e se reconhecer no espaço que é seu como nativo originário dessa terra, mas, que ao mesmo tempo é privado devido a invasão do colonizador que além de destruir toda a mata, impede que os mesmos usufruam dos recursos naturais.

Acreditamos que a escola tem um papel fundamental na construção desse novo tempo para os Chiquitano. Iniciativas que procuram relacionar o espaço escolar ao espaço da aldeia são sempre muito bem-vindas. E a escola da aldeia Vila Nova Barbecho tem feito esse papel de resgate cultural paralelo à luta pelo direito à terra, que é o bem mais precioso para meu povo e sem a qual não é possível sobreviver. Como resultado desta pesquisa também foi a afirmação ainda mais forte que a TERRA é fundamental na continuidade das práticas Culturais para que as crianças tenham esses conhecimentos, por isso se faz necessário a demarcação da mesma. Tendo Terra tem como desenvolver todas as demais atividades culturais do povo Chiquitano. Após analisar tudo isto podemos afirmar que brincar é também aprender no ponto de vista do povo Chiquitano.

Todos os materiais coletados para a produção deste trabalho também foram deixados na escola para que possam servir como subsidio a ser trabalhado com as crianças, e através destes, elas irão crescendo e aprendendo a importância de tudo isso e assim sempre ter uma visão de luta por aquilo que lhes pertence, seu bem mais precioso, a terra. Também se destina a contribuir na divulgação desta realidade, que foi produzida por uma professora da aldeia que antes de tudo é também como os colaboradores um Chiquitano da própria aldeia.

Referências

ALTMAN, Raquel Z. Brincando na História. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

CARNEIRO, Maria Ângela Barbato. A infância e as brincadeiras nas diferentes culturas. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/educacao/brinquedoteca/downloads/OMEP%20-%20Campo%20Grande.pdf>>. Acesso em 12 de junho de 2017.

DODGE, Janine, CARNEIRO, Maria Ângela Barbato. **A descoberta do brincar**. São Paulo: Melhoramentos/ Boa Companhia, 2007.

MOREIRA da Costa, José Eduardo Fernandes. **A Coroa do mundo: religião, território e territorialidade Chiquitano/ Cuiabá MT**: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.

QUEIROZ, Leticia Antônia de. **Educação da criança Chiquitano: O Curussé como expressão das práticas corporais educativas**. / Leticia Antônia de Queiroz. Cáceres/MT: UNEMAT, 2013.

SANTANA, Aurea Cavalcante. **Línguas cruzadas histórias que se mesclam: ações de documentação, valorização e fortalecimento da língua Chiquitano no Brasil**- 2012.

Entrevistas

Realizada no ano de 2016 as entrevistas contaram com a colaboração dos consultores nativos que deram significativas contribuições para a pesquisa. Os consultores entrevistados são:

- A Anciã senhora Clemência Muquissai Soares, com 75 anos de idade, falante e professora tradicional da língua materna Chiquitano na aldeia.
- O Ancião senhor Nicolau Urupe com 76 anos de idade.
- A senhora Helena Laura Chue com 54 anos de idade, artesã e liderança religiosa na aldeia.
- A senhora Elizabete Tossué Soares, também artesã 61 anos de idade.
- O senhor Fernandes Moquissai Soares, cacique da aldeia 68 anos de idade.
- A senhora Suzilene Urupe Chue, com 36 anos idade, professora na escola da Aldeia,
- A senhora Cleide Muquissai Chue, com 24 anos idade agente de saúde indígena AIS.

- O senhor Mauro Urupe Chue, com 24 anos de idade professor na escola da aldeia,
- O senhor Edmundo Nicolau Chue Muquissai, com 19 anos de idade, professor na aldeia.
- E as crianças com faixa etária de 06 a 12 anos de idade que estudam na escola da Aldeia.

Recebido em 7 de julho de 2017.

Aceito em 20 de setembro de 2017.